



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

REPRESENTAÇÕES SOBRE AS POPULAÇÕES NEGRAS NOS CONTOS
“NEGRINHA” E “BOCATORTA” DE MONTEIRO LOBATO

OSMAR MOUZINHO DINIZ

CAMPINA GRANDE
MARÇO/2017

REPRESENTAÇÕES SOBRE AS POPULAÇÕES NEGRAS NOS CONTOS “NEGRINHA”
E “BOCATORTA” DE MONTEIRO LOBATO

OSMAR MOUZINHO DINIZ

CAMPINA GRANDE

MARÇO/2017

REPRESENTAÇÕES SOBRE AS POPULAÇÕES NEGRAS NOS CONTOS “NEGRINHA”
E “BOCATORTA” DE MONTEIRO LOBATO

OSMAR MOUZINHO DINIZ

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a): José Benjamin Montenegro

CAMPINA GRANDE

MARÇO/2017

REPRESENTAÇÕES SOBRE AS POPULAÇÕES NEGRAS NOS CONTOS “NEGRINHA”
E “BOCATORTA” DE MONTEIRO LOBATO

OSMAR MOUZINHO DINIZ

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

RESUMO

O presente Trabalho tem por objetivo destacar as representações acerca da população negra nos anos finais do Império e início da República a partir de duas obras literária e de seu autor, os contos “Negrinha” e “Bocatorta”, de Monteiro Lobato. Para tanto, foi realizado um recorte temporal que vai de 1888 a 1930, visando evidenciar a trajetória do povo negro e seu lugar na sociedade brasileira. A motivação para o estudo é fruto das representações raciais conferidas aos negros na história do Brasil que produziram uma luta desigual na sociedade brasileira. Ao destacarmos essa conjuntura, verificamos a relevância desse estudo uma vez que contribuirá para as discussões raciais da contemporaneidade. Trata-se de um estudo teórico fundamentado na historicidade do povo negro no Brasil, o qual foi elaborado a partir da pesquisa bibliográfica utilizando-se os contos “Negrinha” e “Bocatorta” ambos de Monteiro Lobato. As análises realizadas permitiram comprovar que as representações raciais conferidas aos negros e negras na história brasileira produziram uma desigualdade e estereótipos que se fazem presentes na contemporaneidade. O estudo não tem a pretensão de concluir uma apreciação acerca da questão racial no Brasil, e sim contribuir para o fomento das discussões acerca da desigualdade social no Brasil.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Negrinha. Bocatorta. Questão racial.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the representations about the black population in the final years of the Empire and the beginning of the Republic from two literary works and its author, the short stories "Negrinha" and "Bocatorta" by Monteiro Lobato. For that, a temporal cut was made that goes from 1888 to 1930, aiming to highlight the trajectory of the black people and their place in Brazilian society. The motivation for the study is the result of racial representations given to blacks in Brazilian history that produced an unequal struggle in Brazilian society. By highlighting this conjuncture, we verify the relevance of this study since it will contribute to the racial discussions of contemporaneity. It is a theoretical study based on the historicity of black people in Brazil, which was elaborated from the bibliographical research using the stories "Negrinha" and "Bocatorta" both from Monteiro Lobato. The analyzes made it possible to prove that the racial representations given to blacks and blacks in Brazilian history produced an inequality and stereotypes that are present in contemporary times. The study does not pretend to conclude an appreciation about the racial question in Brazil, but to contribute to the fomentation of the discussions about social inequality in Brazil.

Keywords: Monteiro Lobato. Negrinha. Crooked mouth. Racial question.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. AS DISCUSSÕES RACIAIS DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX: O LUGAR DO NEGRO NA SOCIEDADE	9
2.1 O povo negro como um atraso na formação da identidade nacional	9
2.2 Ações de liberdade: resistência negra	13
3. AUTORIA, HISTÓRIA E LITERATURA: CONSIDERAÇÕES	17
3.1 Autoria: o lugar social de Monteiro Lobato	17
3.2 A literatura como uma fonte documental para o conhecimento histórico: o gênero conto	22
4. OS CONTOS “NEGRINHA” E “BOCATORTA”: DISCUSSÕES RACIAIS DE UMA ÉPOCA	28
4.1 Negrinha	28
4.2 Bocatorta	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERENCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

A história do povo negro no Brasil está relacionada a ações que levaram mais de três séculos. Ao observarmos a historicidade desses, o que se verifica são relatos pautados em estereótipos e discriminações nas mais diversas esferas a que esses foram submetidos, tanto no período escravocrata quanto no pós-abolição. No que se refere a esse último, foi perceptível a não associação desses a um processo de cidadania, mas, sobretudo, de marginalização.

Excluídos do processo de cidadania, o povo negro enfrentou uma série de discussões a respeito de sua raça e práticas sociais. É presente nesse momento de transição do Império para a República, as discussões acerca do branqueamento da população que colocou a raça negra fora dos padrões de beleza e de convivência social.

Tratando dessas questões, apontamos a problemática desse estudo que busca destacar as representações acerca da população negra nos anos finais do Império e início da República a partir de duas obras literárias e de seu autor, ou seja, a partir de uma discussão autoral. Desse modo, utilizamos os contos “Negrinha” e “Bocatorta”, de Monteiro Lobato para discutirmos o contexto racial de uma época. Através de um recorte temporal que vai de 1888 a 1930 iremos evidenciar a trajetória do povo negro no Brasil e o lugar desse povo na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, dividimos o estudo em três momentos.

No primeiro capítulo intitulado “As discussões raciais do final do século XIX e início do século XX: o lugar do negro na sociedade” destaca-se a discussão contextual, no qual iremos apontar o final do século XIX e início do século XX buscando através dessa contextualização abordamos as representações sobre as populações negras e os espaços sociais a esses disponibilizados. Para tanto, iremos recorrer às discussões tais como de Carvalho (1987); Oliveira (1990); Schwarcz (1998); entre outros, que evidenciaram em suas obras o lugar do povo negro na sociedade brasileira, bem como os inúmeros estereótipos associados a esses, a exemplo da vadiagem, da ociosidade, da demonização das características físicas, entre outros.

Visando problematizar o posicionamento da historiografia tradicional que colocou os negros do período proposto como sujeitos submissos e omissos nas suas práticas sociais, iremos discorrer também nesse capítulo o âmbito da resistência negra que abrange o protagonismo dessa população nesse contexto social. Para tanto, contamos com as discussões

de Mattos (2009), Reis (1989) e Machado (2009) que trouxeram novos olhares a essa perspectiva histórica.

O segundo capítulo “Autoria, história, literatura: considerações” apresentamos discussões historiográficas que versam sobre a relação da história com a literatura. O uso da literatura nesse estudo é concebido como uma representação que não registra os acontecimentos históricos, porém dá apoio para a criação de um imaginário em que estão presentes diferentes visões de mundo. Como afirma Pesavento (2005) são “representações do mundo social”. No que se refere à discussão sobre o princípio da autoria, iremos analisar a autoria de Monteiro Lobato para entendermos o seu lugar social e o seu modo de fazer à literatura, sobretudo, a literatura infantil. É partindo desses pressupostos que justificamos a escolha da nossa fonte de pesquisa, os contos “Negrinha” e “Bocatorta” que enriquecem a abordagem historiográfica sobre uma época no qual verificamos as continuidades e descontinuidades do âmbito da discriminação para com a população negra.

Percebendo essas continuidades e descontinuidades a partir das representações estereotipadas e de discriminação presentes nos contos “Negrinha” e “Bocatorta” do autor Monteiro Lobato, destacamos o terceiro capítulo intitulado “Os contos “Negrinha” e “Bocatorta”: discussões raciais de uma época” no qual iremos discorrer sobre as referidas obras e os aspectos raciais contidos nessas, que em nossa análise, contribui para entendermos sobre as representações estereotipadas e de discriminação a que foram submetidos negros e negras na transição do Império para a República no Brasil.

Utilizando o conceito de representação do estudo feito por Roger Chartier (1990), entendemos essa conceituação como uma categoria que compreende uma dada realidade, uma vez que essa é “dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.8). Ao analisarmos os contos “Negrinha” e “Bocatorta” a partir desse referencial teórico, objetivamos entender o lugar social de seu escritor, Monteiro Lobato e as discussões étnico raciais que este presenciou e conferiu a seus escritos.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupos que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferido com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

As representações raciais conferidas aos negros e negras do recorte temporal proposto produziram uma luta desigual na sociedade brasileira. Ao destacarmos essa conjuntura,

verificamos a relevância desse estudo uma vez que contribuirá para as discussões raciais da contemporaneidade.

2. AS DISCUSSÕES RACIAIS DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX: O LUGAR DO NEGRO NA SOCIEDADE

No início do século XX inúmeras foram as narrativas que fomentaram a ideia degenerativa do povo negro no Brasil. Os Contos Para Crianças de Madame Chrysanthème¹ exemplifica essas narrativas ao desenvolver a ideia da obediência para que as pessoas negras conseguissem tornarem-se brancas.

Verifica-se a cor branca como algo almejado por todos sendo, pois, uma premissa não só composta nas narrativas literárias, mas também nas discussões científicas da época. Estas através de seus intelectuais apresentaram de forma pejorativa a raça negra reforçando assim o caráter inferior do povo negro para a formação da sociedade brasileira.

2.1 O povo negro como um atraso na formação da identidade nacional

Entre o final do século XIX e início do século XX, pensar sobre o Brasil tinha-se como princípio entre os intelectuais a construção da nacionalidade. Esse pensar nacional estava intimamente relacionado ao olhar estrangeiro que desde o período Colonial registrava o atraso social do Brasil partindo das concepções raciais que colocavam o negro como uma raça inferior e culpada pelo atraso da nação “A inteligência, às voltas com a construção da nação, tenta vencer a marca de origem: o país se constituiu como ser nacional a partir do olhar estrangeiro” (OLIVEIRA, 1990, p.139).

Os anos de 1970 foram um marco histórico para o Brasil, em 1971 foi assinada a Lei do Ventre Livre que foi pouco a pouco colocando um ponto final a escravidão, em consequência disso a mão de obra da escravaria africana foi dando lugar a mão de obra estrangeira.

No século XIX também foi adotado um discurso evolucionista para analisar as variações raciais, onde os negros, escravos e africanos se tornaram classes perigosas e viraram objetos de “ciência”, por sua diferença e inferioridade.

É justamente em meados do século XIX que surge a vertente pessimista acerca da miscigenação no Brasil, pelo fato de alguns viajantes como Gobineau acreditarem estar diante

¹ In: SCHWARCZ (1998).

de um país de nação degenerada que evidenciava o atraso proveniente de sua composição étnica.

Essas posições ganham aliados entre os homens da “sciencia” brasileiros, que não tinham interesses homogêneos em relação a aspectos políticos, econômicos e raciais, a única coisa que os uniam era a oportunidade de discutir os impasses e novas perspectivas que se colocavam para o país, tendo a oportunidade de debater os problemas imediatos do país e não se delimitar a uma área específica do saber.

Nessa perspectiva surgem impasses entre os profissionais considerados da “sciencia” e os homens das letras. Os profissionais ditos como da “sciencia” criticam os segundos por não participarem ativamente da busca de soluções para os problemas vivenciados pela sociedade brasileira nesta época, porém apesar de criticarem os profissionais das letras por não se engajarem nas questões nacionais, nota-se que os profissionais da “sciencia” estão mais interessados em se manter nos seus cargos para ditar regras para a sociedade.

No Brasil:

[...] se fez um uso ilimitado da teoria original, na medida em que a interpretação darwinista social se combinou com a perspectiva evolucionista e monogeista. O modelo racial servia para explicar as diferenças e hierarquias, mas, feitos certos rearranjos teóricos, não impedia pensar na viabilidade de uma nação mestiça [...] (SCHWARCZ, 1993, p. 65)

Pautados no positivismo e no darwinismo social o cientificismo da época se moldou em linguagens acerca da inferioridade dos negros e mestiços desenvolvendo assim o racismo biológico. Entre os interlocutores desse discurso podemos elencar Nina Rodrigues e Silvio Romero que se baseavam em pensadores estrangeiros a exemplo de Gobineau (VENTURA, 2000, p.347). Segundo a autora, esses propuseram como solução o branqueamento como uma saída para o Brasil conseguir o progresso.

As novas ideias europeias, baseadas no positivismo, evolucionismo e darwinismo ganham força mantendo um diálogo constante com a ideia de civilização. No século XVIII a teoria racial de Rousseau é utilizada para justificar as diferenças raciais entre os homens mantendo um diálogo com a ideia de civilização.

Com a descoberta do mundo novo os povos “selvagens” passam a ser caracterizados e entendidos como primitivos, primitivos no sentido de primeiros, enquanto os “homens americanos transformam-se em objetos privilegiados para a nova percepção que reduzia a humanidade a uma espécie, uma única evolução e uma possível perfectibilidade” (SCHWARCZ, 1993, p. 44).

Rousseau utiliza o conceito de “perfectibilidade” como algo que distinguia os homens dos outros seres, ou seja, como a liberdade que os homens tem de resistir aos fenômenos da natureza ou concordar com eles. Para Rousseau a perfectibilidade não leva necessariamente o ser humano ao estado de civilização e de virtude.

Isto demonstra um conflito de ideias do liberalismo, e conseqüentemente o pensamento evolucionista, darwinista, que analisa o coletivo como um todo e não os indivíduos. Enquanto Nina Rodrigues associa diretamente perfectibilidade ao evolucionismo e conseqüentemente ao estado de civilização, para Rousseau a perfectibilidade não leva ao estado de evolução, a perfectibilidade de Rousseau ganha um sentido social e também é associada ao conceito de raça. (SCHWARCZ, 1993)

Desta maneira, há uma mudança no conceito de perfectibilidade, nesta época podemos dividir o pensamento acadêmico em duas vertentes: o iluminista, ligado aos estudos etnológicos, de evolução cultural e o pensamento antropológico ligado a imutabilidade e a evolução biológica.

Estes pensamentos entendem de maneira diferente o estágio de desenvolvimento da sociedade estando a sociedade no mesmo caminho, apesar de estágios diferentes de evolução (evolução cultural) ou reconhecendo as diferenças entre as sociedades como decorrentes das diferenças raciais que se constituiriam como atraso de um povo (pensamento biológico).

Percebe-se nessas investigações científicas a propagação na sociedade brasileira de diferenças não só sociais, mas físicas que destacavam uma raça pura e forte (branca) em detrimento a uma raça fraca e degenerada (negra), ou seja, a eugenia².

Como se pode perceber o negro está inserido na sociedade como uma raça inferior e o Brasil se encontrava nesse atraso por abarcar tais populações. Para Santos (2002, p.53) “O darwinismo social vem coroar de êxito a teoria das raças que vinha se desenvolvendo por mais de séculos”.

Trazendo essa discussão em sua obra “A invenção do ser negro” Santos (2002) nos relata que os fundamentos do racismo biológico, ou seja, a cientificidade do racismo se encontra no século XVIII na filosofia natural elaborada pelos iluministas. Trazendo esse caráter científico em seus discursos, os intelectuais construíram a identidade nacional a partir da imagem do negro e sua inferioridade incontestável.

²“Utilizando-se dos conhecimentos de Malthus, Lamarck, Darwin e das ideias circulantes na Inglaterra da época, Galton definiu eugenia como o “estudo dos fatores físicos e mentais socialmente controláveis, que poderiam alterar para pior ou para melhor as qualidades racionais, visando o bem-estar da espécie””. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a15.pdf>>. Acesso: 26 de fev 2016.

Construção histórica da nação verifica-se, pois, que a ideia de raça no Brasil fugiu do âmbito biológico e permeou o campo social estabelecendo de forma mais cruel o racismo na esfera privada como a tentativa do branqueamento populacional.

A identidade brasileira pensada pelos intelectuais cria uma nova representação do povo brasileiro, representação essa que deveria arrancar tudo aquilo que impedisse o progresso da nação, a exemplo da raça negra, desse modo, incentivou-se a migração branca uma vez que para os intelectuais essa poderia oferecer o branqueamento da nação e consequentemente a unidade dessa, que estava impedida devido as diferenças raciais, culturais e regionais existentes.

Atraso da nação a população negra sofria com os inúmeros estereótipos³ que lhes eram direcionados, a exemplo da associação às classes perigosas. Corroborando com essa afirmativa, Carvalho (1987) em sua obra “Os bestializados”, destaca que nesse período verificou-se um grande número de pessoas que não tinham uma ocupação e viviam da ilegalidade. Eram as classes perigosas tão presentes nas estatísticas da criminalidade:

Esta população poderia ser comparada as classes perigosas ou potencialmente perigosas de que se falava na primeira metade do século XIX. Eram ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha, e dos navios estrangeiros, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptores, pivetes (palavra já existia). E é claro, a figura tipicamente carioca do capoeira, cuja fama já se espalhava por todo país e cujo número foi calculado em torno de 20 mil as vésperas da República (CARVALHO, 1987, p.18).

Os recém-libertos presenciaram inúmeros estereótipos que associavam muitas vezes a não cidadania. “Não eram cidadãos. Era a “mob” ou “dregs” (escória) para o representante inglês; a “foule” para o francês; a “canalha”, a “escuma” social para o português, quando não eram simplesmente bando de negros e mestiços” (CARVALHO, 1987, p.72).

Reforçando esse argumento, Schwarcz (1998) realça que esses grupos sociais eram denominados de vadios e desorganizados o que impedia a interpretação das trajetórias sociais desse grupo. Desse modo, a autora reforça que foram utilizadas diferentes meios para excluir a história das práticas culturais do povo negro na formação identitária do Brasil.

A pecha de vagabundos e ociosos, desorganizados social e moralmente que lhes foram atribuídas na visão daqueles que reconstruíram o país após a desmontagem do regime escravista, impede a princípio a interpretação de suas trajetórias sociais (SCHWARCZ, 1998, p. 176).

³“Segundo Brookshaw (1983), inicialmente o estereótipo pode ser definido como sendo a causa e o efeito de um prejulgamento de um indivíduo em relação a outro devido à categoria a que ele (a) pertence” (BROOKSHAW, 1983 apud LIMA, 2009).

Para Munanga (2010), essa conjuntura contribui para um processo de violência que apagou identidades e resultou em conflitos de desigualdade na contemporaneidade.

Estamos entrando no terceiro milênio carregando um saldo negativo de um racismo elaborado no final do século XVIII aos meados do século XIX. A consciência política reivindicativas das vítimas de racismo na sociedade contemporânea está cada vez mais crescente o que comprova que as práticas racistas ainda s não recuaram (MUNANGA, 2010, p.16).

Essa desigualdade muitas vezes foi percebida como um empecilho para as discussões sobre as práticas sociais dos negros, entretanto, mesmo diante de um contexto que os colocaram a margem da sociedade, essa população construiu seus espaços sociais e lutaram para reverter o caráter de inferioridade que lhes foram associados. No subitem a seguir iremos discorrer sobre esses espaços problematizando a historiografia tradicional que dificultou o entendimento sobre o protagonismo do negro na sociedade brasileira.

2.2 Ações de liberdade: resistência negra

Os anos de 1970 foram considerados inovadores para a população negra, nesta época foi assinada a Lei do ventre livre (1971) que foi pouco a pouco pondo um fim a escravidão, também houve uma mudança na aquisição de mão de obra a qual foi sendo substituída gradativamente a mão de obra da escravaria africana pela mão de obra estrangeira. Houve também, como vimos, a adoção de um discurso evolucionista para analisar a sociedade e estabelecer diferenças entre a população.

O fim da escravidão decretado no ano de 1888 não foi acompanhado por mudanças sociais a esse grupo, pelo contrário, como vimos a população de negros, escravos, africanos tornaram-se “classes perigosas” e viraram objeto da “sciencia”.

Apesar da conjuntura que os qualificava como sujeitos inferiores e com uma cidadania limitada, a população negra burlou essas situações, até mesmo no período escravocrata, circunstância essa que dificultava a organização de suas práticas e espaços sociais.

Segundo Mattos (2009) o período que antecedeu o processo do fim da escravidão foi acompanhado de lutas, que buscavam a garantia da compra judicial da alforria. O coartamento foi um tipo de resistência utilizado pelos escravos segundo essa autora. Através de certa liberdade, esses conseguiam recursos para a compra da alforria. No que se refere a essa

liberdade essa está atrelada, sobretudo, a um espaço de interesses entre senhores e escravos. Outro arranjo utilizado pelos escravos para a garantia da liberdade foi à associação de muitos na luta pelo abolicionismo.

As fugas dos escravizados também foi uma forma de oposição ao escravismo Reis (1989, p.85) relata que a posição de rebeldia de alguns escravizados foi bastante importante para o fim da escravidão “Embora fossem derrotados tantas vezes, os escravos se constituíram em força decisiva para a derrocada final do regime que o oprimia”.

O movimento de luta contra a escravidão realizado pelos próprios escravos foi crucial no processo de abolição da escravidão, não apenas ele, mas também outras formas de resistência, tais como: a formação de quilombos e a resistência cotidiana no trabalho contribuindo de forma decisiva para pressionar o Estado a pôr fim a escravidão, a reprodução das comunidades, ações como furtos ou saques, além de ações contra seus senhores.

A Lei do Ventre Livre por sua vez foi decorrente da preocupação das elites com a mudança da estrutura escravocrata brasileira, com um maior número de escravos nascidos no país, resultando em maior número de rebeliões e insatisfações.

Outra expoente que relata em seus estudos o protagonismo das populações negras é Machado (2009), a autora em sua obra “Teremos grandes desastres, se não houver providências enérgicas e imediatas” destaca que além das fugas, os assassinatos de senhores de escravos, a luta por terras foram algumas das formas de conquistas dos escravizados que buscavam a liberdade, bem como o fim do sistema escravista.

O protagonismo dos africanos escravizados foi crucial em seu processo de libertação através das ações dos escravos, como as fugas e a formação dos quilombos, as rebeliões, a ocupação de terras livres pelos fugidos, a insubmissão das regras de trabalho nas fazendas. A relação com os senhores também determinavam a resistência ou aceitação, as negociações pela liberdade.

É perceptível nesses contextos apresentados que as ações do povo negro demonstram a recusa desses ao projeto senhorial que buscava de conduzi-los a uma condição de inferioridade. No pós-abolição esse caráter será ampliado ao colocá-los no âmbito da marginalidade. Não oferecendo a igualdade, a Primeira República contribuiu para disseminar e sustentar inúmeros estereótipos que se revelaram de forma explícita e hoje se mantêm de forma silenciosa, mas não menos cruel.

Torna-se um problema a escassez de mão de obra por conta das pressões inglesas pelo fim do tráfico, o desmonte escravocrata interfere na continuidade do trabalho nas lavouras de

café, começa uma forte política de imigração de mão de obra, a abolição da escravidão torna-se evidente e inevitável.

A partir do momento de pós-abolição diversas possibilidades são colocadas a estas pessoas, tais como a possibilidade de conseguir alguma ocupação, depois de alcançar a tão sonhada liberdade.

Infelizmente, não houve uma orientação destinada a integrar os negros às novas regras de uma sociedade baseada no trabalho assalariado. Esta é uma história de tragédias, descaso, preconceitos, injustiças e dor.

A abolição da escravidão não melhorou a condição de vida do negro. A posição política a favor da imigração e as raras oportunidades de trabalho digno ao ex-escravo auxiliaram na marginalização e na desigualdade da população negra, fruto de intermináveis preconceitos.

Em sua obra intitulada “A integração do negro na sociedade de classes” Florestan Fernandes chega ao centro do problema:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. O liberto viu-se convertido, sumária e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais [...] para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva. (1978, p. 29)

Esse descaso se relaciona diretamente com a maneira com que se deu a abolição da escravidão, o que inviabilizou o escravismo brasileiro foi o avanço do capitalismo no país. O trabalho servil tornou-se anacrônico, antieconômico, ineficiente para o desenvolvimento do país. Com isso, sua legitimidade passou a ser questionada.

Enfim, definitivamente o papel da população negra foi crucial no processo de abolição da escravidão, porém conforme vimos este processo é acompanhado de um desenvolvimento histórico e social amplo, como o processo de evolução do capitalismo e a pressão internacional.

Expondo esse período de transição nesse capítulo, verificamos as continuidades e discontinuidades no que se refere aos estereótipos construídos e associado as populações negras.

Representações disseminadas na sociedade, foram muitos os intelectuais que corroboraram e enfatizaram em seus escritos esses estereótipos. Monteiro Lobato, escritor importante do século XX foi um desses intelectuais que narrou o negro e o mestiço em sua literatura, a exemplo dos contos “Negrinha” e “Bocatorta”. No capítulo seguinte iremos discorrer sobre o campo da história e da literatura, vendo essa como uma fonte documental que possibilita a construção do conhecimento histórico. Iremos discorrer também o lugar do autor Monteiro Lobato através da análise autoral no qual iremos perceber o seu lugar social que contribuiu em grande medida para a sua escrita.

3. AUTORIA, HISTÓRIA E LITERATURA: CONSIDERAÇÕES

3.1 Autoria: o lugar social de Monteiro Lobato

A discussão sobre a autoria nos permite problematizar a naturalização que se constrói sobre o autor, possibilitando, pois, o entendimento sobre os diferentes discursos que atravessam a forma deste de ver a realidade e escrever. Os contatos, as relações, a realidade social, bem como as leituras que um dado autor se pautou durante sua trajetória de vida são de suma relevância para entendermos o princípio da autoria, a exemplo da de Monteiro Lobato.

Escritor, contista e tradutor, Monteiro Lobato se formou em Direito e por meio de seus estudos e contatos publicou suas obras, a exemplo dos contos em jornais e revistas. Para além de sua escrita, Lobato também foi o editor de suas obras, fundando em 1918, "Monteiro Lobato e Cia", a primeira editora brasileira. Esse contexto na verdade, remete-se ao período em que as obras no Brasil eram editadas em Portugal, desse modo, o autor, inicia um movimento editorial no Brasil fazendo com que suas obras fossem editadas em seu país (AZEVEDO, 1997, p. 32).

Com obras voltadas para o público infantil, Monteiro Lobato também publicou obras para adultos, mas apesar dessa versatilidade, o autor ficou bastante conhecido por suas obras infantis. Como um importante literato da época, esse autor destacava em suas obras a preocupação nacionalista, a exemplo da discussão racial representadas nos contos que serão discutidos nessa pesquisa no terceiro capítulo.

Nascido em Taubaté em 18 de abril de 1882, José Bento Renato Monteiro Lobato, era filho José Bento Marcondes Lobato e de dona Olímpia Augusta Monteiro Lobato que faziam parte da aristocracia agrária. Estudou em colégios renomados a exemplo dos colégios Coração de Jesus e Dr. Quirino da cidade de Taubaté (AZEVEDO, 1997).

Monteiro Lobato fora batizado como José Renato, porém desde cedo, já uma criança voluntariosa, acabou por mudar o próprio nome, pois pretendia herdar de seu pai uma bengala cujas as iniciais tinham sido gravadas J.B.M.L., então passou a assinar-se José Bento, acabou por impor esse nome, na infância o futuro literato era chamado apenas por Juca (CASSIANO, 2000).

Monteiro Lobato sempre curioso dos trabalhos manuais, quando adolescente preferia dedicar-se a paixão literária ao invés de festas, foi aluno interno durante três anos no Instituto

de Ciências e Letras, em jornais estudantis publicou pequenos contos e crônicas. Suas primeiras leituras foram obras de José Alencar, Coelho Neto, Catulle Mendes e Daudet imaginava que seria engenheiro ou pintor.

No ano de 1980 morre seu pai ao acompanhar o enterro encontra a mãe enferma que morre no ano seguinte, Lobato estava com dezesseis anos na época, volta para o internato, a antiga vida familiar despreocupada de menino havia acabado, ao completar dezoito anos, tem de decidir a profissão que iria seguir, queria estudar na Escola de Belas Artes e ser pintor, porém seu avô que é quem paga suas contas não concorda com uma carreira pouco usual para a época, teria de ser jurista, advogado, doutor algo mais normal para uma família de classe alta (CASSIANO, 2009).

Ingressa na Faculdade de Direito, em São Paulo, na faculdade não era aluno brilhante, nas aulas que lhe pareciam menos interessantes desenhava caricaturas dos professores, as letras lhe interessavam mais que o Direito. Para superarem a rotina dos estudos jurídicos, os estudantes criaram A Arcaria Acadêmica, apesar de ainda calouro, Lobato apresenta uma dissertação intitulada *Outrora e hoje*, o que já prenuncia de certo modo a ideia de sua carreira intelectual: criar um progresso real antepondo-se ao convencionalismo ocioso e passivo, com *Gens ennuyeux*, vence um concurso de contos realizado na Faculdade de Direito.

Lobato escrevera também *Os lambe -feras*, espécie de romance a maneira das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em pequenos capítulos repletos de fantasias e imaginação. Bejamin Pinheiro decidido a pôr abaixo o situacionismo político funda uma folha a que dá o nome de *Minarete*. Lobato dedica-se a essa publicação criando pseudônimos, da sua extensa produção critica o governo imperial, a república e condena a imigração na nossa sociedade (CASSIANO, 2000).

Em dezembro de 1904 recebe o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, lera mais escritores famosos na Faculdade do que mestres de Direito. Tendo recebido o canudo parte para o Vale do Paraíba onde torna-se promotor.

Ao assumir o cargo de promotor em 1907 na cidade de Areias, no Vale do Parnaíba não abandonou a escrita, mas paralelo a esse trabalho escrevia em jornais e revistas. Seu talento literário descobre possibilidades de aspiração em Areias, era uma “cidade morta”, leitor de *Wekly Times*, faz dele pequenas traduções para o jornal *O Estado de S. Paulo*, que lhe paga pelo trabalho. Tornou-se colaborador de *A Tribuna*, de Santos, *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro também publica seus artigos (CASSIANO, 2009).

Herda a fortuna de seu avô Visconde de Tremembé e abandona a cidade procura prosperar como fazendeiro, planeja mudanças na fazenda, também pensa na carreira política, porém abandona estes projetos, em 1914 graças a uma queimada irresponsável escreve um forte protesto para a seção de “Queixas e reclamações” de *O Estado de S. Paulo* a direção aprecia sua escrita dando especial destaque no jornal, publica outro artigo intitulado “ Velha Praga”, depois publica novamente no Jornal um artigo intitulado: Jeca Tatu em que resumia todos os caboclos incendiários: o imortal Jeca Tatu, urupê de pau podre que vegeta na mata.

Na década de 1920 vai morar nos Estados Unidos, retornando ao Brasil em 1932, ano que se consagra como membro da Academia Brasileira de Letras com obras de caráter nacionalista e social (VASCONCELOS, 1982, p. 63).

A figura de Monteiro Lobato não diz respeito somente a história literária brasileira, mas sobretudo a história do povo brasileiro, da nacionalidade brasileira. Lobato foi divulgado por um meio de comunicação que atualmente a sociedade mal conhece: a leitura, que era distribuída abundantemente de forma gratuita, e cordialmente pelas farmácias (CASSIANO, 2000).

Não podemos esquecer das obras de literatura infantil do referido autor e criador da saga do Sítio do Pica Pau Amarelo, esta obra de grande labor literário, foi dela que Lobato garantiu sua independência que não se prendia a cargos de governo ou emprego em empresa privada. Após se desfazer das ações que possuía na Companhia Editora Nacional, manteve com seu proprietário Octalles Marcondes Ferreira relações amigáveis e profissionais que o estimulavam por meio de recompensa ao trabalho.

O mundo pitoresco do Sítio do Pica-Pau Amarelo surge sem grandes esforços da parte de Monteiro Lobato, na maior espontaneidade os personagens Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho Arrebitado, Pedrinho, Emília, o Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa vão-se impondo, trazendo à tona as vivências da infância do menino Juca, conhecido por Monteiro Lobato. Os livros infantis de Lobato acreditam na inteligência das crianças, são uma verdadeira vivência infantil, que dão renome a Monteiro Lobato, como um dos grandes escritores da literatura infantil (CASSIANO, 2000).

Segundo a professora Nilce Santana Martins o grande êxito de Monteiro Lobato no campo da literatura infantil:

Se deve sobretudo à sua linguagem clara, graciosa, pitoresca e dinâmica, de uma simplicidade sedutora, resultante de prolongado tirocínio na arte de escrever e não,

como desavisadamente se poderia pensar, de reduzido conhecimento dos recursos e conhecimentos literários. [...] (CASSIANO, 2009, p.47, 2009)

Ainda sobre a sua carreira enquanto escritor, Lobato fez críticas ao período republicano brasileiro em boa parte de sua obra. Essa na verdade, caracterizaram-se por abranger contos, crônicas, artigos em jornais, narrativas infantis, ou seja, uma vasta bibliografia⁴.

Segundo Lajolo (2009, p.56) é com uma variada e extensa produção literária que Monteiro Lobato se destaca no mercado editorial no Brasil com nuances didático-pedagógicas que contribuíram na formação de crianças em idade escolar, diferenciando-se das leituras tradicionais da época que remetia apenas às histórias sagradas. Tais livros produzidos por brasileiros, mas também traduzidos deram condições para a chamada “literatura escolar” estimulando a criança e seu imaginário, mas, sobretudo, aos valores morais e sociais, como nos mostra Lajolo; Zilberman (1999, p.19):

[...] as primeiras obras de literatura infantil européia apareceram na primeira metade do século XVIII, que foi assinalado pela industrialização e pelo surgimento de novas concepções de família, criança e escola. Com isso, surgem livros que deixam transparecer como o adulto quer que as crianças vejam o mundo [...]

Como já mencionado, Monteiro Lobato escrevia para revistas de sua época, desse modo, funda a revista *Paraíba* no qual teve inúmeros trabalhos publicados e com colaboradores renomados, tais como Coelho Neto, Olavo Bilac, Cassiano Ricardo, entre outros. Após essa revista, esse autor compra também a *Revista do Brasil* tornando-a um centro de cultura.

Monteiro Lobato contribuiu decisivamente na sociedade brasileira como um todo a figura do Jeca Tatu e sua patologia fez com os brasileiros voltassem os olhos para os problemas de saneamento básico no interior pouco ou quase inexistente. Sendo apontado como problema número um no Brasil a falta de saneamento básico Lobato apoia então a Campanha Pró-saneamento de Belisário Pena, numa série de artigos (CASSIANO, 2009).

Desta maneira, Monteiro Lobato, dedicou-se não apenas a literatura, mas também uma causa de salvaguarda nacional, crítico mordaz da burocracia ineficiente, demonstra em seu livro intitulado *O escândalo do petróleo*, de 1936, sua luta contra a burocracia nacional em prol do petróleo (CASSIANO, 2009).

A barca de Gleyre é a última obra que o autor publica na Companhia Editora Nacional. Em companhia de Artur Neves e Caio Prado Jr., funda a Editora Brasiliense que

⁴ Em anexo um quadro demonstrativo das obras desse autor. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/biografias/obras_monteiro_lobato.htm. Acesso em: 23 abr 2016.

publica, com exclusividade, *Os doze trabalhos de Hércules*, série dedicada à Infância. Em 1948 falece devido a problemas cardíacos (VASCONCELOS, 1982, p. 81).

É possível perceber no destaque a esse relato apresentado que a volta ao passado de Monteiro Lobato através de suas memórias e memórias daqueles que o descreveram não remeterão a verdade dos fatos, no entanto, essa historicidade nos mostra os meios de percebermos as relações de poder que cruzaram seu modo de ver e dizer na literatura, ou seja, as leituras, profissões, amizades, e o que escreveu, são essenciais para alcançarmos as condições históricas que deram visibilidade à sua autoria.

Nesse viés da visibilidade desse autor, podemos enfocar as inúmeras biografias que foram construídas sobre sua trajetória, tais como Azevedo (1997), Lajolo (2009), Vasconcelos (1982), entre outros. No que se refere a essas é preciso que observemos de antemão o lugar dessas biografias, que para o estudioso Levi (1989), se tornam tanto uma ferramenta de pesquisa social como também uma ferramenta que deve ser problematizada nas pesquisas, uma vez que são incapazes de apreender o indivíduo em sua totalidade.

Vivemos hoje uma fase intermediária: mas do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades. Em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes as práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais. (LEVI, 1989, p.167)

Monteiro Lobato escreveu a partir dos discursos instituídos e presentes em sua época, escrevendo-os a partir do seu olhar de literatura de conhecedor das letras e das leis, uma vez que era formado em Direito. Ao narrar comportamentos, formar opiniões, Lobato articulou em suas obras o seu meio, a ambiência de sua realidade social.

Na obra *a Ordem do Discurso* (2000) Michel Foucault conjectura sobre as práticas discursivas, assentando-as às práticas ligadas a controles, escolhas, inerentes de métodos de exclusão e de inclusão.

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2000, p. 8-9)

O discurso na ótica da autoria de Monteiro Lobato, permite-nos refletir a inexistência de discurso isolado, uma vez que para Foucault (2000) o discurso é um produto da dinâmica social.

O princípio da autoria relatado por Foucault tem o papel de controlar, organizar, escolher e remanejar o discurso. O envolvimento com inúmeros intelectuais, as conversas, leituras, entre outros meios fazem parte da organização autoral, uma vez que esta se estabelece em um lugar social, ambiente esse de múltiplos discursos, aí é onde se encontra o autor, segundo Foucault:

“O autor não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como a unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. (FOUCAULT, 2000 p. 26).

Por onde circulou (Faculdade de Direito, revistas, jornais, promotoria), o que leu e o que ouviu (relações com intelectuais de sua época) foram de suma relevância para a organização do espaço literário desse autor, tais meios possibilitaram, portanto, as percepções de suas obras no meio social. Instituído-se como autor, Monteiro Lobato escreveu histórias e narrativas presentes e aceitas nas representações sociais de sua época.

Conforme Cassiano (2009, p.25)

Para Lobato, o Brasil autêntico não era o do litoral, muito influenciado pelas modas parisienses, mas o do interior. Seu único mal era a pobreza, imposta pelo poder latifundiário. Acusaram Lobato de separatista, de vendido, aos Estados Unidos e, por fim, de comunista, mas ele passou a vida a lutar pelo progresso, pela riqueza, do Brasil, sem cuidar de si, sem tirar nenhum proveito pessoal das campanhas a que se atirou. [...]

Monteiro Lobato deixou seu legado como grande escritor da literatura brasileira, conquistou um público arredio, lançou edições populares a preços reduzidos, encontrou obstáculos e dificuldades em livrarias, mas representou o valor artístico e cultural de sua pátria.

3.2 A literatura como uma fonte documental para o conhecimento histórico: o gênero conto

Percebendo nesse estudo a literatura como uma fonte documental para o conhecimento histórico, verificamos que a história possibilita a apreensão do real, diferentemente da literatura que tem como foco apenas a representação desse real. Como afirma Sevcenko apud Pesavento (2005, p.87) “a literatura é um produto artístico que tem o destino de agradar e comover”.

No destaque a essa relação em seu estudo, Pesavento (2005) afirma que “A literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa” (PESAVENTO, 2005, p.117).

A aproximação entre história e literatura se dá no sentido da representação dos questionamentos de uma dada realidade, porém o afastamento relaciona-se ao fato da história ter como objeto de estudo a busca da “verdade” ou “verdades”. Desse modo:

A Literatura [...] pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão. [...] permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores, Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e porque as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2005, p. 82-83)

Ao se aproximar de imaginários sociais, culturais e até mesmo históricos, a literatura nos oferece indícios, porém é preciso salientar que ela não tem compromisso com a verdade histórica. Deste modo, se torna necessário ao analisarmos uma obra perceber os indícios históricos, os diferentes olhares que o literato expôs da sociedade ou do personagem que ele narrou em um tempo histórico.

No que concerne aos contos que serão apresentados nesse estudo é preciso que analisemos sua estrutura, sobretudo para entendermos o interesse do autor ao relatar sua história, seus personagens, ou seja, a narrativa.

De acordo com alguns teóricos o conto é um gênero literário de complexa definição, sobretudo quando se analisa a evolução desse e as percepções em diferentes localidades.

No destaque a essa premissa na obra “Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores” Júlio Cortázar o define da seguinte maneira:

É preciso chegar à ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem ao abstrato, a desvitalizar seu conteúdo, ao passo que a vida rejeita angustiada o laço que a conceituação quer lhe colocar para fixá-la e categorizá-la. Mas, se não possuímos uma ideia viva do que é o conto, teremos

perdido nosso tempo, pois um conto, em última instância, se desloca no plano humano em que a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me permitem o termo; e o resultado desta batalha é o próprio conto, uma síntese viva e ao mesmo tempo uma vida sintetizada, algo como o tremor de água dentro de um cristal, a fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 2006, p.9)

Tradicionalmente o conto é definido por ser uma narrativa curta, por ser concisa objetiva e com enredos sucintos, porém esses parâmetros são contestados ao verificarmos a existência de inúmeros contos que apresentam uma extensão em sua narrativa, em seus enredos, muitas vezes até superiores a romances (CORTÁZAR, 2006, p.3).

Desta maneira, o conto é uma forma de retratar a vida através da arte, em que o homem utiliza características do seu século e da sua experiência para retratar sua visão de mundo, sua visão acerca do próprio homem e acerca da vida. (CORTÁZAR, 2006).

Mas onde se originou? Paria os estudiosos, o conto se apresenta como uma das narrativas mais antigas, uma vez que é possível encontrá-los em mitos, fabulas das mais antigas civilizações. No que concerne à etimologia, destacam o latim *computare* que vem de contar. Outra denominação é o *contu*, também em latim e o *commentum* que significa invenção ou ficção (CORTÁZAR, 2006, p.4).

As definições do termo conto são complexas e nos permite inferir que tais significados estão intimamente relacionados à abrangência e transformações do conto no decorrer dos anos. Desta maneira, o conto abrange de maneira breve e concisa a complexidade da vida humana.

O conto pode abranger as mais diversas temáticas tendo sempre como foco as situações da vida real ou imaginária. O contista além de “fotógrafo” da realidade social necessita focar a imagem em algo que seja significativo, não basta apenas fotografar. Faz-se necessário eliminar tudo que não sirva onde somente o essencial e indispensável se façam presentes na trama.

O teórico Jolles (1976) destaca o conto em sua obra “Morfologia do conto” como uma forma simples: “entendido como uma forma simples apresenta uma linguagem que permanece fluida, aberta, dotada de mobilidade e de capacidade de renovação constante”. Esse autor destaca também:

Podemos chamar conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de ação que parte de uma malfeitoria ou de uma falta [...], e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento [...] ou em outras funções utilizadas como desfecho (JOLLES, 1976, p.9).

Presente na literatura infantil verifica-se com o exposto que o conto pode nos oferecer uma representação do real mesmo partindo de um contexto fictício, pois ao ser construído, o autor coloca suas subjetividades em jogo nos oferecendo aspectos de uma possível realidade.

O gênero literário conto traz, desta maneira, uma história breve, porém densa, expressando cenas cotidianas que direcionam a uma trama inesperada que tem efeito sobre o leitor. Os aspectos do conto são os mais variados: intensidade, limite, economia dos meios narrativos, tensão, efeito no leitor.

O conto enquanto gênero literário infantil se caracteriza como ação única, com uma narrativa curta, poucos personagens e acontecimentos, dentro desse contexto existem os contos maravilhosos que apresentam uma realidade fantasiada, com presença de fadas ou não, e os contos de aventuras, do cotidiano e problemas sociais.

A literatura infantil é um elemento basilar para a formação da criticidade da criança, onde estas podem desenvolver o interesse pela sociedade, pela visão de sociedade que constroem.

Ainda em menção a literatura infantil, iremos analisar contos infantis, essa de acordo com Lajolo e Zilberman (1999) surge a partir da escolarização de crianças e da necessidade em oferecer um material para a formação do universo infantil. Ela “passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 17).

Até meados do século XVII as crianças eram consideradas como adultos de tamanhas reduzidos. Esta visão começa a se modificar no início do século XVIII quando Rousseau (1995) preconiza a valorização das características da infância,

Desta maneira, Cunha (1999, p.22) destaca que:

A história da literatura infantil começa a delinear-se no exercício do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passar a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos a receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta.

Entendemos que o conceito de literatura infantil surge como consequência da reorganização da escola, que por sua vez, inicia devido à ascensão burguesa e a nova percepção acerca da infância na sociedade.

É no século XIX que surgem os primeiros livros destinados às crianças. Essa literatura tinha o intuito de moralizar e criar meios para a formação dessa fase e com isso propiciar a

diversão, a curiosidade, o estímulo a vários sentidos. A literatura infantil “funde os sonhos e a vida prática, o imaginário, e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” (COELHO, 2000, p.27).

No cenário brasileiro os contos de Perrault e dos irmãos Grimm circulavam em versão portuguesa, sendo desta forma, distante do linguajar dos brasileiros. Porém, os contos populares já se faziam presentes na vida das crianças através da oralidade.

Monteiro Lobato é o primeiro escritor brasileiro a apostar no intelecto das crianças, valorizando a curiosidade e o poder de compreensão que elas possuem sobre determinados temas anteriormente vistos como exclusivos dos adultos. Com essa postura, Lobato transformou a Literatura Infantil, anteriormente tida como ferramenta de dominação dos adultos para reprodução de determinados valores e crenças em uma fonte de reflexão, de questionamento e de criticidade.

Essa literatura se desenvolve no século XX no contexto de transição do Império para a República, bem como no período que se estabelece a imprensa editorial. Publicando em 1920 “Narizinho Arrebitado”, Monteiro Lobato considera essa obra o início de uma literatura infantil brasileira (LAJOLO, 2009).

Esta obra marcou o campo literário brasileiro sinalizando a organização social moderna, onde a infância tem lugar especial, valorizado e respeitado. Demarcou o espaço de um público especial que exige uma literatura diferenciada da literatura dos adultos. Narizinho e Pedrinho na narrativa em questão se constituem como crianças ávidas, personagens livres para viver suas experiências, aventuras, e buscar o conhecimento.

O sítio do Pica-Pau Amarelo não se constitui apenas como um cenário onde a ação pode ocorrer, ele representa a sociedade onde as crianças desenvolvem a consciência crítica e reflexiva acerca do mundo ao seu redor, sem deixar o ideário da imaginação.

A importância da vasta literatura infantil de Monteiro Lobato não reside apenas na capacidade de lazer, de imaginação e criatividade, mas também e sobretudo na aquisição conhecimento do mundo, de valores e atitudes, consciência e criticidade.

Monteiro Lobato se destaca por editar suas próprias obras e com isso foi ganhando notoriedade quanto escritor e editor no Brasil. Publicando para o universo infanto-juvenil, Lobato contribuiu para a formação moral desse público, influenciando o pensamento e a sociedade da época através de personagens diversos, mas que estavam intimamente relacionados com uma cultura histórica da época, a exemplo dos contos “Negrinha” e “Bocatorra”, que relata as discussões raciais e os estereótipos construídos e associados aos

negros no início do século XX. É buscando verificar tais representações que iremos analisar no capítulo seguinte os contos “Negrinha” e “Bocatorta” de Monteiro Lobato.

4. OS CONTOS “NEGRINHA” E “BOCATORTA”: DISCUSSÕES RACIAIS DE UMA ÉPOCA

O preconceito etnicorracial para com as populações negras não é algo recente. Vimos nos capítulos anteriores que essa perspectiva esteve realçada muito antes da abolição da escravidão, a exemplo, das discussões presentes entre os intelectuais que corroboravam e naturalizavam a escravidão entre os povos negros da África. Fomentado nos vários setores sociais, os estereótipos para com as populações negras repercutiram no imaginário social da época criando situações e práticas excludentes em diferentes esferas, a exemplo da literatura de Monteiro Lobato.

Destacado enquanto literato, Lobato repercutiu em suas obras uma escrita voltada para o imaginário social de sua época. No que faz menção as discussões raciais desse período, ele também expôs essa perspectiva para o universo infanto-juvenil nos contos “Negrinha”⁵ e “Bocatorta”⁶.

É pensando discutir essa premissa que abordaremos nesse capítulo o enredo desses contos, destacando, pois, como esse autor trouxe as discussões raciais de sua época para a sua literatura que em grande medida, influenciou a construção de estereótipos para com as populações negras.

4.1 Negrinha⁷

Conto escrito no ano de 1920 e em terceira pessoa, a sua narrativa destaca a história de uma personagem negra que não possuía nome, mas era denominada por Negrinha devido à cor de sua pele.

⁵ O conto “Negrinha” está presente no livro cujo título possui o mesmo nome. Foi publicado em 1920 juntamente com mais seis contos: Negrinha - Fitas da Vida - O drama da geada - O Bugio moqueado - O jardineiro Timóteo e O colocador de pronomes. Em sua segunda edição acrescentaram-se mais 16 (dezesesseis) contos: O fisco - Os negros - Barba Azul - Uma história de mil anos - Os pequeninos - A facada imortal - A policitemia de Dona Lindoca - Duas cavalgadas - O bom marido - Marabá - Fatia de vida - A morte do Camicego - Quero ajudar o Brasil - Sete grande - Dona Expedita - Herdeiro de si mesmo. Tais contos formam um número de 22 enredos que continuam despertando o interesse do leitor pela leitura lobatiana.

⁶ O conto “Bocatorta” está presente no livro de contos Urupês publicada originalmente em 1918 e que reúne ao todo 14 contos de Monteiro Lobato. Mistério, suspense e terror são algumas das nuances presentes nesse conto. No que se refere ao conjunto da obra temos os contos: Os faroleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, A vingança da peroba, Um suplício moderno, Meu conto de Maupassant, “Pollice verso”, Bucolica, O mata-pau, Bocatorta, O comprador de fazendas, O estigma, Prefácio da segunda edição do Urupês, Velha praga, Urupês.

⁷ Em anexo o conto.

Segundo BERGAMASCO (2010) no conto Negrinha vemos um Monteiro Lobato não apenas escritor, mas um crítico social, disposto a denunciar um sistema escravocrata prolongada, a exploração da figura do negro, apesar da abolição da escravatura em 1888, trinta e dois anos antes da produção da obra. O conto apresenta um painel das relações entre o colonizador e o colonizado, entre sujeito e objeto.

Entendemos que o contexto social em que se insere o conto diz respeito a uma época em que a escravatura já tinha sido abolida do Brasil, porém apesar da abolição a figura do negro continua estigmatizada socialmente fazendo com que D. Inácia sinta prazer em castigar Negrinha pelo fato mesmo de não possuir mais escravos para tal fim.

Em meio a dicotomia existente entre sujeito e objeto vemos a figura do colonizador e do colonizado em todo o conto, a figura do homem branco em uma relação de superioridade ao homem negro, mesmo com a abolição da escravidão não foi alterada devido a estigmatização social destas classes.

É possível identificar nessa obra as práticas sociais que legitimavam a imagem do negro de forma inferiorizada ao esboçar na sua escrita a dicotomia brancos e negros, bem como a superioridade racial dos primeiros sob os últimos. Como já mencionado, a personagem central não possuía nome, era denominada Negrinha devido a cor de sua pele. Não era escravizada, porém utilizava os mesmos espaços sociais de uma escravizada. Notamos também a partir do título desta obra, pela utilização do sufixo – inha, o tratamento pejorativo dado a personagem principal no decorrer do conto.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças (LOBATO, 2000. p. 1).

Observa-se na citação acima o ambiente de sujeira e imundice em que a criança circulava quando o autor nos aponta que Negrinha vivia seus dias “*sobre farrapos de esteira e panos imundos*”. O temor na narrativa do conto é algo presente, sobretudo, ao verificarmos na citação apresentada a forma passiva e submissa à patroa, uma vez que a personagem sabia que essa não gostava de crianças.

Com forte carga emocional, a narrativa segue destacando a violência a que essa menina era submetida, violência essa não apenas física, mas psicológica, verificada no olhar assustado, no fato de ser órfã e na não compreensão da situação em que vivia, ou seja, na situação imposta pelos adultos.

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos (LOBATO, 2000, p. 2).

Negrinha guarda as marcas da hostilidade que chegam ao ápice da violência seja pelas agressões físicas, pelo desafeto ou pelos castigos vivenciados na casa de Dona Inácia, não podendo falar, nem brincar pela casa, nem chorar, a patroa não admitia choro de criança, e cometia contra Negrinha uma série de castigos físicos torturantes e cruéis.

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta... (LOBATO, 2000, p. 2).

No decorrer de toda a narrativa notamos que Negrinha não era considerada um ser humano pelos demais, mas sim um objeto, sobretudo um animal sem alma que necessitava ser domesticada. Devido à aceitação de determinada condição a personagem em questão demonstra ainda não ter ativado os pontos de vista questionadores, nesta primeira a personagem demonstra sua passividade quanto aos castigos físicos e psicológicos sofridos e a desigualdade social em fomento.

Realidade na qual sua única felicidade era aguardar as horas exatas do relógio, conforme fragmento abaixo:

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante. (LOBATO, 2000, p. 2).

No que faz menção ao seu nome, não possuía. Era chamada de Negrinha, assim como os inúmeros negros da época escravista e pós-escravista que tinha no nome a marca da cor da pele. Sobre esse exposto, Rocha (2013) destaca que essas implicações relativas aos nomes de pessoas negras estavam relacionadas a um sentido pejorativo.

Preto- que tem a mais sombria de todas as cores; da cor de ébano, do carvão. Rigorosamente no sentido físico o preto é ausência de cor, como o branco é o conjunto de todas as cores. [...] Sujo, encardido, indivíduo negro, a cor da pele desse indivíduo, a cor da pele queimada pelo sol. [...] perigoso, difícil [...] preto de

alma branca – indivíduo negro bom, generoso, nobre, leal. (FERREIRA, 2004, apud ROCHA 2013)

Mergulhado nesse universo de inferioridade que a sociedade no início do século XX dará as pessoas negras no que se refere as nomenclaturas, Lobato (2000) assim destaca os apelidos a que estavam associados a Negrinha:

Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — bubônica. A epidemia andava à berra, como novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal, achou linda a palavra (LOBATO, 2000, p.2-3).

No que se refere aos estereótipos associados a populações negras, existe a demonização que é algo bem presente nas narrativas sobre essas populações. Em sua obra “Democracia racial e multiculturalismo” Souza (2000) destaca que essa dicotomia entre o bem e o mal que acabava por demonizar os negros vai ser algo predominante nas narrativas, seja de forma clara ou velada. “O processo de incorporação do mestiço à nova sociedade foi paralelo ao processo de proletarização e demonização do negro” (SOUZA, 2000, p.4).

É com esses atributos negativos e insultos para com a personagem que o conto vai formando seu enredo. Verifica-se uma criança ingênua, sem família, uma vez que era órfã, maltratada para a diversão de D. Inácia. Animalizada “feita gato sem dono, levada a pontapés” (LOBATO, 2000, p.5), esperava ora carinho, ora maus tratos de sua dona.

A ideia de branquitude como algo positivo é algo realçado nessa literatura. É possível perceber essa associação do branco como algo do bem, quando as sobrinhas de D. Inácia vem passar as férias com sua tia:

Certo dezembro vieram passar as férias com “Santa” Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromperem pela casa adentro como dois anjos do céu, alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era um crime brincar?? (LOBATO, 2000, p.6).

A citação acima reflete uma dicotomia, bem como a diferenciação dada por D. Inácia as suas sobrinhas em detrimento a personagem central, Negrinha.

No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas logo a dura lição da desigualdade humana chicoteou sua alma. Beliscão no umbigo e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

- Já, para o seu lugar, pestinha!! Não se enxerga?? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha somar aos já conhecidos, a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre (LOBATO, 2000, p.8).

A fronteira social acaba legitimando a existência de uma hierarquia que impediu Negrinha de se reconhecer enquanto criança e perceber ao mesmo tempo sua condição social que limitava o acesso a determinadas práticas, a exemplo, das brincadeiras com bonecas. O sentimento de tristeza e de surpresa é relatado quando Lobato destaca: “Era de êxtase, o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca” (LOBATO, 2000, p.10).

Há no texto uma reviravolta da personagem em que a condição de passividade quanto aos castigos físicos e psicológicos sofridos e a desigualdade social, são finalmente questionadas no momento em que Negrinha passa a conviver com as sobrinhas de Dona Inácia, as duas garotas representam o mundo burguês: louras, ricas e possuidoras de brinquedos caros, podiam brincar pela casa, algo que Negrinha não poderia se atrever a fazer.

A partir do momento em que Negrinha avista as sobrinhas de Dona Inácia brincando com uma boneca ela fica extasiada, nunca tinha visto uma boneca e sequer sabia o nome do brinquedo: “— É feita?... — perguntou, extasiada.” (LOBATO, 2000, p. 2) neste trecho em que o autor coloca voz na boca de Negrinha, pela primeira vez, ela assume a consciência de ser criança.

Neste momento, Negrinha toma consciência de si e do mundo ao redor, sua voz interior levanta questionamentos a respeito de sua condição humana.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! ... (LOBATO, 2000, p. 17-18).

Pela primeira vez ela assume a consciência de que toda criança sente-se como ser humano “Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. [...]” (LOBATO, 2000, p. 17-18).

Desta maneira, a boneca representa para Negrinha a igualdade, a liberdade e a humanidade. Acabada as férias as sobrinhas de D. Inácia partem levando a boneca e demais brinquedos, logo, o ambiente volta ser como era anteriormente. No entanto, Negrinha passa a se sentir outra, consciente de sua identidade negra que se diferencia das crianças não negras. É

nesse contexto que o autor relata a depressão e conseqüentemente a morte de Negrinha devido a sua cor de pele e a problemática social em torno dessa.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa reentrou no ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada [...] Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos [...] Veio a tontura, e uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e o cuco pela última vez lhe apareceu, de boca aberta. Mas, imóvel, sem rufar as asas. Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas. Depois, vala comum. A terra papou com indiferença sua carnezinha de terceira — uma miséria, quinze quilos mal pesados... (LOBATO, 2000, p. 17-18).

O enredo do conto reafirma a realidade social a que estavam submetidos negros e negras no Brasil no contexto pós-escravista. Verifica-se nesse contexto, um distanciamento e as diferenças sociais cada vez mais presentes, sobretudo, com a ideologia do branqueamento que na construção da nacionalidade brasileira permeou o campo social e constituiu o racismo no domínio do privado com a tentativa de branqueamento da população (REIS, 2005, p.68).

De acordo com Reis (2005, p.76) é nesse contexto que muitos estudiosos irão se enquadrar. Entusiasmados pelo cientificismo, esses se engajaram com as problemáticas sociais e nacionais da época discutindo a construção da identidade nacional brasileira que deveria esconder a imagem do negro em detrimento a uma imagem branca através do incentivo a imigração que traria o progresso tão desejado.

No subitem seguinte, iremos expor a narrativa do conto “Bocatorta”, que assim como nesse conto apresentado, destaca os estereótipos construídos e associados aos negros do início do século XX.

4.2 Bocatorta⁸

Com uma narrativa de suspense e porque não dizer macabra, Lobato (1961) conta a história de um sujeito aterrorizante que vive com um cachorro no meio do mato e que desperta em uma família a curiosidade vê-lo.

A ambientação do conto no interior do país marca a literatura do medo, somos apresentados aos personagens principais major Zé Lucas, sua esposa Don’Ana, sua filha única Cristina e o primo-noivo da moça, Eduardo. Para romper com a tranquilidade em que estes

⁸ Em anexo o conto.

personagens se encontram surge o fiscal da fazenda Zé Lucas Vargas, contando sobre o sumiço de alguns porcos, de uma leitoa e um capadete malhado segundo Vargas esse fato teria sido ocasionado por um ladrão negro, o Bocatorta.

- Porcos têm sumido alguns. Uma leitoa rabicó e um capadete malhado dos "Polancham", há duas semanas que moita. Para mim - ninguém me tira da cabeça - o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava se alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquilo, Deus me perdoe, é bicho ruim inteirado. Mas não "querem" me acreditar. (LOBATO, 1961, p. 216).

Desta maneira, a narrativa recorre ao principal fator chave de este conto a curiosidade, Eduardo noivo de Cristina, primo que mora na cidade grande fica curioso em saber um pouco mais da tal “criatura” Bocatorta.

Assim como no conto Negrinha, o autor recorre ao apagamento do protagonista, que não possuía um nome, era chamado de Bocatorta, era negro e considerado um ladrão, uma pessoa má.

Em seu estudo Oliveira (2005) destaca que as mudanças no contexto da Primeira República refletiram no ambiente que foram dados as populações negras. Com a abolição e a forte imigração europeia, os negros sem ocupação fixa e dinheiro para seu sustento, tiveram que viver na ilegalidade. Desse modo, eram consideradas as classes perigosas que provocavam a desordem social e a vadiagem.

A imagem enviesada por antigos mitos, como o da “vadiagem”, da “preguiça”, da “criminalidade” do mesmo, em que a tonalidade da pele aparece como critério de adequação ou inadequação para o emprego. O negro não possui o principal requisito para o cargo: ser branco. Temos nitidamente a “linha de cor” e todas as imagens associadas a ela delimitando espaços específicos de atuação dos indivíduos na sociedade (OLIVEIRA, 2005, p.31).

Verificando essa premissa, podemos entender o imaginário criado por Lobato ao associar Bocatorta a um ladrão, a um sujeito que vive à margem da sociedade.

Ao ser indagado quem seria esse Bocartorta, o major responde da seguinte maneira:

- Bocatorta é a maior curiosidade da fazenda, respondeu o major. - Filho duma escrava de meu pai, nasceu, o mísero, disforme e horripilante como não há memória de outro. Um monstro, de tão feio. Há anos que vive sozinho, escondido no mato, donde raro sai e sempre de noite, O povo diz dele horrores - que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o demo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm-lhe por conta. Para mim, é um pobre-diabo cujo crime único é ser feio

demais. Como perdeu a medida, está a pagar o crime que não cometeu... (LOBATO, 1961, p. 219).

É possível perceber nessa descrição a associação feita a este negro ao ambiente maligno, do demônio e da bruxaria “O povo diz dele horrores - que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o demo” (LOBATO, 1961, p. 219). Ainda sobre o aspecto físico, verificamos um reforço por parte da narrativa ao destacar o aspecto feio de Bocatorta: “- Mas, amigo Vargas, feio como? Por que feio? Explique-me lá essa feiura” (LOBATO, 1961, p. 220). Ao responder a indagação, Vargas relata os estereótipos associados aos negros, a exemplo do formato dos lábios, denominando de beijos e da cor do negro que é associada ao carvão.

Vossa Senhoria 'garre um juda de carvão e judie dele; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumando; meta a faca nos beijos e saque fora os dois; 'ranque os dentes e só deixe um toco; entorte a boca de viés na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdoe (LOBATO, 1961, p. 221).

Após discorrer sobre as características físicas de Bocatorta a Eduardo, esse pede para ver o negro. Assim como Vargas a personagem de Cristina também nutre profunda repulsa pela figura “- Bocatorta? - exclamou Cristina com um reverbero de asco no rosto. - Não me fale. Só o nome dessa criatura já me põe arrepios no corpo.” (LOBATO, 2007, p. 115).

Monteiro Lobato traz em toda a narrativa a figura de um ser anormal, um “monstro” que indescritível ou inconcebível, disforme e inominável, não para saber de fato suas feições

- O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria 'garre um juda de carvão e judie dele; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumando; meta a faca nos beijos e saque fora os dois; 'ranque os dentes e só deixe um toco; entorte a boca de viés na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdoe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cansar, descanse. Corra o mundo campeando feiúra braba e aplique o pior no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente de Bocatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!... (LOBATO, 2007, p. 115).

Ao ouvir a descrição da criatura Eduardo dar uma gargalhada e é tomado novamente pela curiosidade de conhecer a figura de Bocatorta. Juntamente com a família da noiva adentra a mata em busca do personagem horripilante como assim afirma:

Você exagera, Vargas. Nem o diabo é tão feio assim, criatura de Deus! - Homem, seu doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquilo é feiúra que só vendo! - Nesse caso quero vê-la. Um horror desse naipe merece uma pernada (LOBATO, 1961, p. 221-222).

O autor também deixa explícito todo o ambiente de medo provocado por Bocatorta através da descrição de Cristina que provoca nela um ambiente hostil e aterrorizante

Houve tempo no colégio em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou. Bocatorta a tentar beijá-la, e ela, em transe, a fugir. Gritava por socorro, mas a voz lhe morria na garganta. Despertava arquejante, lavada em suores frios. (LOBATO, 2007, p. 115-116).

A busca por Bocatorta é entrelaçada pelo medo do encontro. Cristina, a noiva, mesmo amedrontada acaba indo demonstrando ojeriza ao ambiente encontrado.

- Bobinha! Tudo isso é medo? - Pior que medo, mamãe; é... não-sei-quê! Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. À laia de paredes, paus-a-pique mal juntos, entressachados de ramadas secas. Por cobertura, presos, com pedras chatas, molhos de sapé no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacaria velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem agachado (LOBATO, 1961, p. 225).

Todo o ambiente é criado para que coisas extraordinárias aconteçam o prenúncio de algo ruim vivenciado por Cristina conforme fragmento do conto

Olhos, sobretudo, tinha-os Cristina de alta beleza. Naquela tarde, porém, as sombras de sua alma coavam neles penumbras de estranha melancolia. Melancolia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo esfriava amiúde ante suas repentinas fugas. Ele a percebia distante, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticência que o amor não vê de boa cara. E à medida que caminhavam recrescia aquela esquisitice. Um como intáctil morcego diabólico riscava-lhe a alma de voejos pressagos. Nem o estimulante das brisas ásperas, nem a ternura do noivo, nem o "cheiro de natureza" exsolvido da terra, eram de molde a esgarçar a misteriosa bruma de lá dentro. (LOBATO, 2007, p. 119).

O autor também cria no leitor o medo vivido pelos personagens e nos faz adentrar a floresta: “Era ali o mato sinistro onde se alapavam Bocatorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o faro do poviléu.” (LOBATO, 2007, p. 119).

A superstição é um elemento presente em toda narrativa: “Às sextas-feiras, na voz corrente do arraial, Merimbico virava lobisomem e se punha de ronda ao cemitério, com lamentosos uivos à lua e abocamentos às pobres almas penadas - coisa muito de arrepiar.” (LOBATO, 2007, p. 119).

Desta maneira Lobato cria todo um ambiente de medo da visita ao Bocatorta. A saída de Bocatorta do ambiente onde morava é relatada pelo som que este faz ao responder o major.

Não é um sonho de voz, como qualquer criatura humana responderia, mas um “grunhido cavo”, como assim relata o autor, que animaliza a figura do negro na história contada.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradável som, Cristina sentiu correr na pele o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercível movimento de pavor abraçou-se com a mãe. O negro saiu da cova meio de rastos, com a lentidão de monstruosa lesma. A princípio surgiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços e a traparia imunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando nos rasgões o negro da pele craquenta (LOBATO, 1961, p. 225).

Lobato não mede esforços para nos fornecer toda a repulsa.

Don'Ana e a filha afastaram-se, engulhadas. Só os homens resistiram à nauseante vista, embora a Eduardo o tolhesse uma emoção jamais experimentada, misto de asco, piedade e horror. Aquele quadro de suprema repulsão, novo para seus nervos, desnorteava-lhe as idéias. Estarrecido como em face da Górgona, não lhe vinha palavra que dissesse. (LOBATO, 2007, p. 120).

O relato sobre o escravo do Major Zé Lucas, Bocatorta, é em toda narrativa estereotipado, bem como inferiorizado, marcas presentes na sociedade do início do século XX que representavam o negro como sujeitos diformes, sem a beleza que só poderia ser encontrada no homem branco. “Bocatorta excedeu a toda pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca” (LOBATO, 1961, p. 226). O feio do personagem central passa a ser horripilante e monstruoso, como assim relata o autor nessa citação:

Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer daquela criatura a culminância da ascosidade, a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a forma do pé humano. E olhos vivíssimos, que pulavam das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas. Tudo nele quebrava o equilíbrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra-prima (LOBATO, 1961, p. 226).

A história finaliza com morte de Cristina que ficou fraca devido à alteração do clima que sucede durante a viagem, ficando doente e morre. Já enterrada, os familiares se deparam com Bocatorta violando o corpo cadavérico da moça, ou seja, em ato de necrofilia. Esse íterim acaba sendo o fim de Bocatorta que perseguido, morre afogado num atoleiro da mata.

Generalizara-se o silêncio. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha, ora o asco do moço; mas breve calou-se, ganho também pelo mal-estar geral.

Triste anoitecer o daquele dia, picado a espaços pelo surdo revôo dos curiangos. O vento zunia, e numa lufada mais forte trouxe da mata o uivo plangente de Merimbico. (LOBATO, 2007, p. 121).

Segundo Macêdo (2015, p. 33) existem:

[...] dois momentos distintos dentro da literatura brasileira, o primeiro momento em que o negro é representado por uma voz alheia a sua, mostrando-se um ser frágil e desprovido de poder de resistência, e um segundo momento em que esse consegue mesmo diante de uma situação adversa oriunda do preconceito se auto-afirmar como um ser humano que tem direito a viver toda sua diversidade, sem ter que se curvar aos modelos pré-definidos por uma sociedade que busca elevar uma parte da população, rebaixando outras.

Concordamos com a referida autora, verificamos nos dois contos uma certa proximidade não só no tempo de escrita e edição do enredo, mas também das ideias percebidas nas histórias sobre os negros e negras no Brasil. Como já relatado no nosso primeiro capítulo, a inferiorização associada as populações negras foram o norte para a justificativa da escravidão. Após o fim dessa, tais populações continuaram recebendo a marca de estereótipos relacionados ao caráter e aos aspectos físicos. Tais estereótipos e representações repercutiram nos espaços sociais marginalizados a que foram inseridos na Primeira República.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentando a imagem do negro de forma estereotipada, Monteiro Lobato nos contos *Negrinha* e *Bocatorta*, reafirma em seus escritos as nuances de uma sociedade racista e segregada. A ideia de branqueamento tão presente nos anos iniciais da Primeira República foi amplamente apropriada nos dois contos citados incutindo na sociedade da época as representações da elite brasileira no início do século XX.

O estudo exposto não tem a pretensão de concluir uma apreciação acerca da questão racial no Brasil, tem-se o interesse aqui em contribuir com mais um estudo sobre essa perspectiva. Ao abordamos as considerações de autores que se debruçaram sobre o estudo, observou-se os significados e as representações desses diante da sociedade da época.

Ao trazermos o cotidiano de uma criança negra que tem seu dia a dia a opressão da escravidão mesmo não sendo escrava, bem como de um escravizado que é animalizado em sua essência, destacamos a autoria de Monteiro Lobato que contribuiu para a representação disso, uma vez que é considerado um importante autor lido em sua época e na atualidade e que não estava indiferente às teorias positivistas e evolucionistas existentes no período de construção dessas obras e porque não dizer de sua autoria.

Enfocando a relevância desse estudo, partimos da lei 10639/03 que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Com isso o trabalho exposto, contribui para o fomento das discussões acerca da desigualdade social no Brasil e traz importantes reflexões acerca de determinados estereótipos que ainda continuam se fazendo presente na contemporaneidade.

REFERENCIAS

- ANGERAMI, Emilia Luígia Saporiti. **Eugenia positiva e negativa: significados e contradições**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a15.pdf>>. Acesso: 22 fev 2016.
- AZEVEDO, Carmen Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato, furacão na Botucúndia**. São Paulo: Editora Senac. 1997.
- BERGAMASCO, Rosilda de Moraes. **Uniletras**. Ponta Grossa. V.32. n.2 p.363-376. Jul./dez. 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/Simone/Downloads/3101-8385-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Simone/Downloads/3101-8385-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 1.ed. São Palo: Moderna, 2000.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: **Aspectos da teoria do conto de Julio Cortázar em Guapear com Frangos de Sérgio Faraco**. SOUZA, Luciane Bernardi. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20PDF%20revista%2026/aspectos%20da%20teoria%20do%20conto%20de%20julio%20cortazar%20em%20guapear%20com%20frangos.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- JOLLES, André. As formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976. In: **A influência do conto popular no conto canônico**. Cristina Löff Knapp. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/2334324-A-influencia-do-conto-popular-no-conto-canonical-cristina-loff-knapp-1.html>>. Acesso em: 14 abr. 2016.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, M. & CECCANTINI, J.L. (orgs) **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: EDUNEST-IMESP, 2009.

LEVI, Giovanni. **Os usos da biografia**. Paris: 1989.

LIMA, Edmilson Batista. **A personagem negra na literatura brasileira**: estereótipos atribuídos a população negra brasileira a partir da obra “A escrava Isaura, de Bernardo Guimarães”. 2009. Disponível em: <
http://200.17.141.110/forumidentidades/IIIforum/textos/Edmilson_Batista_Lima_2.pdf>.
 Acesso: 02 mar 2016.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. Bauru: Edusc, 2000.

LOBATO, Monteito. Bocatorta. In: _____. **Urupês**. (Obras completas, vol. 1). São Paulo: Brasiliense, 1961. (pp. 215-231) Disponível em: <
<http://www.rieseberg.com/2010/01/bocatorta-monteiro-lobato.html>>. Acesso: 25 de jul 2016.

LOBATO, Monteito. Bocatorta. In: _____. **Urupês**. São Paulo: Globo, 2007. Disponível em: <
<ftp://ftp.arcoiris-web.com/partilha2/LIVRARIA-02/LIVROS-PDF/GRUPO-02/PASTA-07/LOBATO,%20Monteiro%20-%20Urup%C3%AAAs.pdf>>. Acesso: 23 de março 2017.

MACHADO, Maria Helena P. T. “Teremos grandes desastres, se não houver providências enérgicas e imediatas”: a rebeldia dos escravos e abolição da escravidão. In: GRINBERG, Keila; Salles, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 3 volumes (V3-1870-1889), p. 367-400.

MACÊDO, Cassiana Soares de. **A literatura afro-brasileira em análise nos contos Negrinha e Pixaim**. Trabalho de Conclusão de curso. João Pessoa, 2015.

MATTOS, Hebe. Raça e cidadania no crepúsculo da modernidade escravista. In: GRINBERG, Keila; Salles, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 3 volumes (V3-1870-1889), p. 15-37.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo identidade E ÉTNICA. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ**, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:
 <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Lidiany Cristina de. **As teorias raciais e o negro do pós - abolição às primeiras décadas do século XX** / Campinas, SP: [s.n.], 2005. disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=21313.>>. Acesso: 15 ago 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito**: A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ROCHA, José Geraldo da. **De preto à afrodescendente: implicações terminológicas**. 2012. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/899-907.pdf>. Acesso: 06 ago 2016.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SCHWARCZ, Lilia M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.173-243.

SCHWARCZ, Lilia M. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Jessé. **Democracia racial e multiculturalismo**: a ambivalente singularidade cultural brasileira. Estudos Afro-asiáticos, 38, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v21n61/a09v2161.pdf>>. Acesso em 11 ago 2016.

VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982.

VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da Monarquia para a República. In: MOTA, Carlos Guilherme. (org.). **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)**. Formação: História. São Paulo: Senac, 2000. p. 329-359. Volume I.

ANEXOS

- 1921-O Saci
- 1922 - Fábulas
- 1927 - As aventuras de Hans Staden
- 1930 - Peter Pan
- 1931 - Reinações de Narizinho
- 1932 - Viagem ao céu
- 1933 - Caçadas de Pedrinho
- 1933 - História do mundo para as crianças
- 1934 - Emília no país da gramática
- 1935 - Aritmética da Emília
- 1935 - Geografia de Dona Benta
- 1935-História das invenções
- 1936-Dom Quixote das crianças
- 1936 - Memórias da Emília
- 1937 - Serões de Dona Benta
- 1937 - O poço do Visconde
- 1937 - Histórias de Tia Nastácia
- 1939 - O Picapau Amarelo
- 1939 - O minotauro
- 1941 - A reforma da natureza
- 1942 - A chave do tamanho
- 1944 - Os doze trabalhos de Hércules (dois volumes)
- 1947 - Histórias diversas
- 1920 - A menina do narizinho arrebitado
- 1921 - Fábulas de Narizinho
- 1921 - Narizinho arrebitado (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1922 - O marquês de Rabicó (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1924 - A caçada da onça
- 1924 - Jeca Tatuzinho
- 1924 - O noivado de Narizinho (incluído em Reinações de Narizinho, com o nome de O casamento de Narizinho)
- 1928 - Aventuras do príncipe (incluído em Reinações de Narizinho)

- 1928 - O Gato Félix (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1928 - A cara de coruja (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1929 - O irmão de Pinóquio (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1929 - O circo de escavalinho (incluído em "Reinações de Narizinho, com o nome O circo de cavalinhos)
- 1930 - A pena de papagaio (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1931 - O pó de pirlimpimpim (incluído em Reinações de Narizinho)
- 1933 - Novas reinações de Narizinho
- 1938 - O museu da Emília (peça de teatro, incluídas no livro Histórias diversas)
- 1918 - O Saci Pererê: resultado de um inquérito
- 1918 - Urupês
- 1918 - Problema vital
- 1919 - Cidades mortas
- 1919 - Ideias de Jeca Tatu
- 1920 - Negrinha
- 1921 - A onda verde
- 1923 - O macaco que se fez homem
- 1923 - Mundo da lua
- 1923 - Contos escolhidos
- 1924 - O garimpeiro do Rio das Garças
- 1926 - O choque
- 1927 - Mr. Slang e o Brasil
- 1931 - Ferro
- 1932 - América
- 1933 - Na antevéspera
- 1935 - Contos leves
- 1936 - O escândalo do petróleo
- 1940 - Contos pesados
- 1941 - O espanto das gentes
- 1943 - Urupês, outros contos e coisas
- 1944 - A barca de Gleyre
- 1947 - Zé Brasil
- 1947 - Prefácios e entrevistas

1948 - Literatura do minarete

1948 - Conferências, artigos e crônicas

1948 - Cartas escolhidas

1948- Críticas e Outras notas

1948 - Cartas de amor

Anexo 1

Negrinha (Monteiro Lobato)

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora — murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava,

afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

Anexo 2

Bocatorta (Monteiro Lobato)

A quarto de légua do arraial do Atoleiro começam as terras da fazenda de igual nome, pertencente ao major Zé Lucas. A meio entre o povoado e o estirão das matas virgens dormia de papo acima um famoso pântano. Pego de insidiosa argila negra fraldejado de velhos guaiambés nodosos, a taboa esbelta cresce-lhe à tona, viçosa na folhagem erétil que as brisas tremelicam. Pela inflorescência, longas varas soerguem-se a prumo, sustendo no ápice um chouriço cor de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Corre entre seus talos a batuira de longo bico, e saltita pelas hastes a corruíra-do-brejo, cujo ninho bojudo se ouriça nos espinheiros marginais. Fora disso, rãs, mimbuías pensativas e, a rabear nas poças verdinhas de algas, a traíra, esse voraz esqualozinho do lodo. Um brejo, enfim, como cem outros.

Notabiliza-o, porém, a profundidade. Ninguém ao vê-lo tão calmo sonha o abismo traidor oculto sob a verdura.

Dois, três bambus emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se na lama sem alçar pé.

Além de vários animais sumidos nele, conta-se o caso do Simas, português teimoso que, na birra de salvar um burro já atolado a meio, se viu engolido lentamente pelo barro maldito. Desd'aí ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das bocas do próprio inferno.

Transposto o abismo, a vegetação encorpa, até formar a mata por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda.

Na manhã daquele dia passara por ali o trole do fazendeiro, de volta da cidade. Além do velho, de sua mulher Don'Ana e de Cristina a filha única, vinha a passeio o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça. Chegaram e agora ouviam na varanda, da boca do Vargas, fiscal, a notícia do sucedido durante a ausência. Já contara Vargas do café, da puxada dos milhos e estava na criação.

- Porcos têm sumido alguns. Uma leitoa rabicó e um capadete malhado dos "Polancham", há duas semanas que moita. Para mim - ninguém me tira da cabeça - o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava se alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquilo, Deus me perdoe, é bicho ruim inteirado. Mas não "querem" me acreditar...

O major sorriu àquele "querem". Vargas, com ojeriza velha ao mísero Bocatorta, não perdia ensanchas de lhe atribuir malefícios e de estumar o patrão a corrê-lo das terras que aquilo, Nossa Senhora! até enguiçava uma fazenda...

Interessado, o moço indagou da estranha criatura.

- Bocatorta é a maior curiosidade da fazenda, respondeu o major. Filho duma escrava de meu pai, nasceu, o mísero, disforme e horripilante como não há memória de outro. Um monstro, de tão feio. Há anos que vive sozinho, escondido no mato, donde raro sai e sempre de noite. O povo diz dele horrores - que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o demo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm-lhe por conta. Para mim, é um pobre-diabo cujo crime único é ser feio demais. Como perdeu a medida, está a pagar o crime que não cometeu...

Vargas interveio, cuspidando com cara de asco: - Se o doutorzinho o visse!... É a coisa mais nojenta deste mundo.

- Feio como o Quasímodo? - Esse não conheço, seu doutor, mas estou aqui estou jurando que o negro passa diante do... como é? Eduardo apaixonava-se pelo caso.

- Mas, amigo Vargas, feio como? Por que feio? Explique-me lá essa feiúra.

Grande parola quando lhe davam trela, Vargas entreparou um bocado e disse: - O doutor quer saber como é o negro? Venha cá.

Vossa Senhoria 'garre um juda de carvão e judie dele; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumiano; meta a faca nos beiços e saque fora os dois; 'ranque os dentes e só deixe um toco; entorte a boca de viés na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdoe.

Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cansar, descanse.

Corra o mundo campeando feiúra braba e aplique o pior no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente de Bocatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!...

Eduardo desferiu uma gargalhada.

- Você exagera, Vargas. Nem o diabo é tão feio assim, criatura de Deus! - Homem, seu doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquilo é feiúra que só vendo! - Nesse caso quero vê-la. Um horror desse naipe merece uma pernada.

Nesse momento surgiu Cristina à porta, anunciando café na mesa.

- Sabe? - disse-lhe o noivo. - Temos um belo passeio em perspectiva: desentocar um gorila que, diz o Vargas, é o bicho mais feio do mundo.

- Bocatorta? - exclamou Cristina com um reverbero de asco no rosto. - Não me fale. Só o nome dessa criatura já me põe arrepios no corpo. E contou o que dele sabia.

Bocatorta representara papel saliente em sua imaginação. Pequenita, amedrontavam-na as mucamas com a cuca, e a cuca era o horrendo negro. Mais tarde, com ouvir às crioulinhas todos os horrores correntes à conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicável pavor ao notâmbulo. Houve tempo no colégio em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou. Bocatorta a tentar beijá-la, e ela, em transes, a fugir. Gritava por socorro, mas a voz lhe morria na garganta. Despertava arquejante, lavada em suores frios.

Curou-a o tempo, mas a obsessão vincara fundos vestígios em su'alma. Eduardo, não obstante, insistia. - É o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto cru da realidade para desmanchar exageros de imaginação.

Vamos todos, em farrancho - e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho, em vez dum monstro, um simples desgraçado digno do teu dó.

Cristina consultou-se por uns momentos e: - Pode ser - disse. - Talvez vá. Mas não prometo! Na hora verei se tenho coragem...

A maturação do espírito em Cristina desbotara a vivacidade nevrótica dos terrores infantis. Inda assim vacilava.

Renascia o medo antigo, como renasce a encarquilhada rosa de Jericó ao contato de uma gota d'água. Mas vexada de aparecer aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria; desde esse instante, porém, uma imperceptível sombra anuviou-lhe o rosto.

Ao jantar foram o assunto as novidades do arraial - eternas novidades de aldeias, o Fulano que morreu, a Sicrana que casou. Casara um boticário e morrera uma menina de quatorze anos, muito chegada à gente do major. Particularmente condoída, Don'Ana não a tirava da ideia.

- Pobre da Luizinha! Não me sai dos olhos o jeito dela, tão galante, quando vinha aqui pelo tempo das jabuticabas.

Ali, naquela porta - "Dá licença, Don'Ana!" - tão cheia de vida, vermelhinha do sol... Quem diria...

- E ainda por cima a tal história de cemitério... interveio Cristina. Papai soube? Corriam no arraial rumores macabros. No dia seguinte ao enterramento o coveiro topou a sepultura remexida, como se fora violada durante a noite; e viu na terra fresca pegadas misteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo. Já duma feita

sucedera caso idêntico por ocasião da morte da Sinhazinha Esteves; mas todos duvidaram da integridade dos miolos do pobre coveiro sarapantado. Esses incréus não mofavam agora do visionário, porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o fato, confirmavam-no.

Imbuído do ceticismo fácil dos moços da cidade, Eduardo meteu a riso a coisa muita fortidão de espírito.

- A gente da roça duma folha d'embaüva pendurada no barranco faz logo, pelo menos, um lobisomem e três mulas-sem-cabeça. Esse caso do cemitério: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Aí está todo o grande mistério! Cristina objetou: - E os rastos? - Os rastos! Estou a apostar como tais rastos são os do próprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casco...

- E o padre Lisandro? - acudiu Don'Ana, para quem um testemunho tonsurado era documento de muito peso.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e, trincando um rabanete, expectorou: - Ora, o padre Lisandro! Pelo amor de Deus, Don'Ana! O padre Lisandro é o próprio coveiro de batina e coroa! A propósito...

E contou a propósito vários casos daquele tipo, os quais no correr do tempo vieram a explicar-se naturalmente, com grande cara d'asno dos coveiros e lisandros respectivos.

Cristina ouviu, com o espírito absorto em cismas, a bela demonstração geométrica. Don'Ana concordou da boca para fora, por delicadeza. Mas o major, esse não piou sim nem não. A experiência da vida ensinara-lhe a não afirmar com despotismo, nem negar com "oras - Há muita coisa estranha neste mundo... - disse, traduzindo involuntariamente a safada réplica de Hamlet ao cabeça forte do Horacio.

Zangara o tempo quando à tarde o rancho se pôs de rumo ao casebre de Bocatorta. Ventava. Rebojos de nuvens prenhes sorviam as últimas nesgas do azul.

Os noivos breve se distanciaram dos velhos que, a passos tardos, seguiam comentando a boa composição do futuro casal. Não havia nisso exagero de pais. Eduardo, embora vulgar, tinha a esbelteza necessária para ouvir sem favor o encômio de rapagão, e Cristina era um ramalhete completo das graças que os dezoito anos sabem compor.

Donaire, elegância, distinção... pintam lá vocábulos esbeiçados pelo uso esse punhado de quês particularíssimos cuja soma a palavra "linda" totaliza? Lábios de pitanga, a magnólia da pele acesa em rosas nas faces, olhos sombrios como a noite, dentes de pérola...

As velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor que o "linda!" dito sem mais enfeites além do ponto de admiração.

Vê-la mordiscando o hastil duma flor de catingueiro colhida à beira do caminho, ora risonha, ora séria, a cor das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincarem-lhe nas têmporas, vê-la assim formosa no quadro agreste duma tarde de junho, era compreender a expressão dos roceiros: Linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo, tinha-os Cristina de alta beleza. Naquela tarde, porém, as sombras de sua alma coavam neles penumbras de estranha melancolia. Melancolia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo esfriava amiúde ante suas repentinas fugas. Ele a percebia distante, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticência que o amor não vê de boa cara. E à medida que caminhavam recrescia aquela esquisitice. Um como intáctil morcego diabólico riscava-lhe a alma de voejos pressagos. Nem o estimulante das brisas ásperas, nem a ternura do noivo, nem o "cheiro de natureza" exsolvido da terra, eram de molde a esgarçar a misteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo interpelou-a: - Que tens hoje, Cristina? Tão sombria...

E ela, num sorriso triste: - Nada!.. Por quê? Nada... É sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconsciente, como sutilíssimos ziguezagues de sismógrafo em prenúncio de remota comoção telúrica. Mas esses nada são tudo!...

- À esquerda, pelo trilho! A voz do major chamou-os à realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se coleante até a beira dum córrego, onde se reuniram de novo.

O major tomou a frente, e guiou-os floresta adentro pelos meandros duma picada. Era ali o mato sinistro onde se alapavam Bocatorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o faro do poviléu.

Às sextas-feiras, na voz corrente do arraial, Merimbico virava lobisomem e se punha de ronda ao cemitério, com lamentosos uivos à lua e abocamentos às pobres almas penadas - coisa muito de arrepiar.

O sombrio da mata enoiteceu de vez o coração de Cristina.

- Mas, afinal, para onde vamos, meu pai? Afundar no atoleiro, como o Simas? Meu pai já fez o testamento? - Já, minha filha - chasqueou o major -, e deixo o Bocatorta para você...

Cristina emudeceu. Retransia-a em doses crescentes o velho medo de outrora, e foi com um estremeamento arrepiado que ouviu o ladrido próximo de um cão.

- É Merimbico - disse o velho. - Estamos quase.

Mais cem passos e a mata rasgou-se em clareira, na qual Cristina entreviu a biboca do negro. Fez-se toda pequenina e achegou-se a Don'Ana, apertando-lhe nervosamente as mãos.

- Bobinha! Tudo isso é medo? - Pior que medo, mamãe; é... não-sei-quê! Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. À laia de paredes, paus-a-pique mal juntos,

entressachados de ramadas secas. Por cobertura, presos, com pedras chatas, molhos de sapé no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacaria velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem agachado.

- Olá, caramujo! Sai da toca que estão cá o sinhô moço e mais visitas! - gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradável som, Cristina sentiu correr na pele o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercível movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro saiu da cova meio de rastos, com a lentidão de monstruosa lesma. A princípio surgiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços e a traparia imunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando nos rasgões o negror da pele craquenta.

Cristina escondeu o rosto no ombro de Don'Ana - não queria, não podia ver.

Bocatora excedeu a toda pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca. Não tinha beiços, e as gengivas largas, violáceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva. E torta, posta de viés na cara, num esgar diabólico, resumindo o que o feio pode compor de horripilante. Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer daquela criatura a culminância da ascosidade, a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a forma do pé humano. E olhos vivíssimos, que pulavam das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas. Tudo nele quebrava o equilíbrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra-prima.

À porta do casebre, Merimbico, cachorro à-toa, todo ossos, pele e bernes, rosnava contra os importunos.

Don'Ana e a filha afastaram-se, engulhadas. Só os homens resistiram à nauseante vista, embora a Eduardo o tolhesse uma emoção jamais experimentada, misto de asco, piedade e horror. Aquele quadro de suprema repulsão, novo para seus nervos, desnorteava-lhe as idéias. Estarrecido como em face da Górgona, não lhe vinha palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava língua com o monstro, que em certo ponto, a uma pergunta alegre do velho, arregaçou na cara um riso. Eduardo não teve mão de si. Aquele riso naquela cara sobreexcedia a sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto e se foi para onde as mulheres, murmurando: - É demais! É de fazer mal a nervos de aço...

Seus olhos encontraram os de Cristina e neles viram a expressão de pavor da préa engrifada nas puas da suindara - o pavor da morte...

Quando deixaram a floresta, morria a tarde sob o chicote dum vento precursor de chuva.

- Foi imprudência, Cristina, vires sem um xalinho de cabeça ao menos!... Queira Deus...

A moça não respondeu. D'olhos baixos, retransida, respirava a largos haustos, para desafogo dum aperto de coração nunca sentido fora dos pesadelos.

Generalizara-se o silêncio. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha, ora o asco do moço; mas breve calou-se, ganho também pelo mal-estar geral.

Triste anoitecer o daquele dia, picado a espaços pelo surdo revôo dos curiangos. O vento zunia, e numa lufada mais forte trouxe da mata o uivo plangente de Merimbico.

Ao ouvi-lo, um comentário apenas escapou da boca do major: - Diabo! Fechara-se a noite e vinham as primeiras gotas de chuva quando pisaram no alpendre do casarão.

Cristina sentiu pelo corpo inteiro um calafrio, como se a sacudisse a corrente elétrica.

No dia seguinte amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração opressa.

O rebuliço foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz, tentando atinar com a doença de Cristina; mas perdia-se sem bússola no bátrato das moléstias. Nesse em meio, Don'Ana esgotava o arsenal da medicina anódina dos simplices caseiros.

O mal, entretanto, recalcitrava às chasadas e sudoríferos. Chamou-se o boticário da vila. Veio a galope o Eusébio Macário e diagnosticou pneumonia.

Quem já não assistiu a uma dessas subitâneas desgraças que de golpe se abatem, qual negro avejão de presa, sobre uma família feliz, e estraçoam tudo quanto nela representa a alegria, e esperança, o futuro? Noites em claro, o rumor dos passos abafados... E o doente a piorar... O médico da casa apreensivo, cheio de vincos na testa... Dias e dias de duelo mudo contra a moléstia incoercível... A desesperança, afinal, o irremediável antolhado iminente; a morte pressentida de ronda ao quarto...

Ao oitavo dia Cristina foi desenganada; no décimo o sino do arraial anunciou o seu prematuro fim.

- Morta!...

Eduardo escondia as lágrimas entre as almofadas do leito, repetindo cem vezes a mesma palavra.

Alcançava-lhe o significado tremendo e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som oco de sentido! A imagem de Cristina morta, a esfervilhar na dissolução dentro da terra gelada, contrapunha-se às visões da Cristina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz toda se impregnara sua alma. Cerrando os olhos, revia-se durante o passeio fatal, envolta nas brumas de vagos pressentimentos. Vinham-lhe à memória as suas palavras dúbias, a sua vacilação. E arrepelava-se por não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa secreta que tenazmente a defendia. Tais pensamentos, enxameantes como moscas em torno à carne viva da dor de Eduardo, coavam nele venenos cruéis.

Fora, o sol redoirava cruamente a vida.
Brutalidade!...

Morria Cristina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das árvores, nem se recobria de cinzas a terra...

Espezinhado pela fria indiferença das coisas, fechou-se na clausura de si próprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfanhar pela pata cega do destino.

Correram horas. Noite alta, acudiu-lhe a idéia de ir ao cemiterinho beijar num último adeus o túmulo da noiva.

Por sobre a vegetação adormecida coava-se o palor cinéreo da minguante. Raras estrelas no céu, e na terra nenhum rumorejo além do remoto uivar de um cão - Merimbico talvez - a escandir o concerto das untanhas que coaxavam glu-glus nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemitério. Estava encadeado o portão. Apoiou a testa nos frios varões ferrujentos e mergulhou os olhos queimados de lágrimas por entre os carneiros humildes, em busca do que recebera Cristina.

No ar, um silêncio de eternidade.

Brisas intermitentes carreavam o olor acre dos cravos-de-defunto floridos na tristeza daquele cemitério da roça.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar com o sítio onde Cristina dormia o grande sono, quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Direis um arranhar de chão em raspões cautelosos, ao qual se casava o resfolego duma criatura viva.

Pulsou-lhe violento o sangue. Os cabelos cresceram-lhe na cabeça. Alucinação? Apurou os ouvidos: o rumor estranho lá continuava, vindo de um ponto sombreado de ciprestes. Firmou a vista: qualquer coisa agachava-se na terra.

Súbito, num relâmpago, fulgurou em sua memória a cena do jantar, o caso de Luizinha, as palavras de Cristina.

Eduardo sentiu arrepiarem-se-lhe os cabelos e, ganho dum pânico desvairado, deitou a correr como um louco rumo à fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem fôlego, lavado em suor frio, despertando de sobressalto a família.

Com gritos de espanto, que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam, exclamou entre arquejos: - Estão desenterrando Cristina... Eu vi uma coisa desenterrando Cristina...

- Que loucura é essa, moço? - Eu vi... - continuava Eduardo com os olhos desmesuradamente abertos. - Eu vi uma coisa desenterrando Cristina...

O major apertou entre as mãos a testa. Esteve assim imóvel uns instantes. Depois sacudiu a cabeça num gesto de decisão e, horrivelmente calmo, murmurou entre dentes, como em resposta a si próprio: - Será possível, meu Deus? Vestiu-se de golpe, meteu no bolso o revólver e atirando três palavras enigmáticas à estarecida Don'Ana, gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz: - Vamos! Magnetizado pela energia do velho, o moço acompanhou-o qual sonâmbulo.

No terreiro apareceu-lhes o capataz.

- Venha conosco. A "coisa" está no cemitério.

Vargas passou mão de uma foice.

- Vai ver que é ele, patrão, até juro! O major não respondeu - e os três homens partiram a correr pelos campos em fora.

A meio caminho, Eduardo, exausto de tantas emoções, atrasou-se. Seus músculos recusaram-lhe obediência. Ao defrontar com o atoleiro, as pernas lhe fraquearam de vez e ele caiu, ofegante.

Entrementes, o major e o feitor alcançavam o cemitério, galgavam o muro e aproximavam-se como gatos do túmulo de Cristina.

Um quadro hediondo antolhou-se-lhes de golpe: um corpo branco jazia fora do túmulo - abraçado por um vulto vivo, negro e coleante como o polvo.

O pai de Cristina desferiu um rugido de fera, e qual fera mal ferida arrojou-se para cima do monstro. A hiena, mau grado a surpresa, escapou ao bote e fugiu. E, coxeando, cambaio, seminu, de tropeços nas cruces, a galgar túmulos com agilidade inconcebível em semelhante criatura, Bocatorta saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo, que concentrara todas as forças para seguir de longe o desfecho do drama, viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrófilo, para em seguida desaparecer mergulhando na massa escura dos guaiambés.

Voando-lhe no encalço, viu passar em seguida o vulto dos perseguidores. Houve uma pausa, em que só lhe feriu o ouvido o rumor da correria. Depois, gritos de cólera, d'envolta a um grunhir de queixada caído em mundéu - e tudo se misturou ao barulho da luta que o uivo de Merimbico dominava lugubrememente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria nas unhas dum pesadelo? Não; não era sonho. Disse-lho a voz alterada do feitor, esboçando o epílogo da tragédia: - Não atire, major, ele não merece bala. P'ra que serve o atoleiro? E logo após Eduardo sentiu recrudescer a luta, entre imprecações de cólera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro. E ouviu farfalhar o mato, como se por ele arrastassem um corpo manietado, a debater-se em convulsões violentas. E ouviu um rugido cavo de supremo desespero. E após, o baque fofo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista; seus ouvidos cessaram de ouvir; seu pensamento adormeceu...

Quando voltou a si, dois homens borrifavam-lhe o rosto com água gelada. Encarou-os, marasmado. Ergueu-se, mal firme, apoiado a um deles. E reconheceu a voz do major, que entre arquejos de cansaço lhe dizia: - Seja homem, moço. Cristina já está enterrada, e o negro...

- ... está beijando o barro, concluiu sinistramente o Vargas.

Ao raiar do dia, Merimbico ainda lá estava, sentado nas patas traseiras, a uivar saudosamente com os olhos postos no sítio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragédia noturna nem denunciava o túmulo de lodo açaimador da boca hedionda que babujara nos lábios de Cristina o beijo único de sua vida.